

ESTRANGEIROS QUE ESCREVERAM SOBRE O BRASIL

GEORG WILHELM FREYREISS (1789-1825)

Coube ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo a iniciativa de divulgar em nossa língua, em um dos números de sua revista, em 1907, o precioso relato da viagem ao interior do Brasil empreendida nos anos de 1814 e 1815 pelo naturalista alemão Freyreiss. A tradução esteve a cargo de Alberto Loefgren, renomado botânico sueco que então vivia em São Paulo e a quem devemos a tradução de diversos outros textos valiosos de nossa bibliografia.

Recordando que um capítulo do relato de Freyreiss já havia sido publicado em número anterior da revista, uma nota do Instituto esclarecia que, à vista do interesse despertado por esse excerto, deliberou-se mandar tirar uma cópia do manuscrito original que pertencia à biblioteca do rei da Suécia, que gentilmente concedeu esse favor. Assim, pôde o Instituto oferecer na íntegra “essa curiosa viagem que oferece muitos esclarecimentos inéditos”.

Significa isto que o original do relato de Freyreiss não foi publicado na época. Mais ainda: informa o tradutor que o manuscrito da biblioteca do rei da Suécia não trazia título; portanto, corre por sua conta o título com o relato foi publicado em 1907. Salvo erro ou omissão de nossa parte, a primeira edição alemã só foi publicada em 1968 por uma entidade cultural de Estocolmo dedicada a estudos ibero-americanos.

Pois bem: 75 anos depois da publicação do Instituto Histórico de São Paulo, em 1982, coube à Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, tirar em livro as páginas amarelecidas da velha revista do sodalício paulistano. Esta primeira edição “em livro” (utilizando a mesma tradução de Loefgren), integra a preciosa coleção “Reconquista do Brasil”, volume 57 da chamada

“Nova Série”. Para esta edição “mineira” de Freyreiss, Neide Magalhães Fonseca escreveu excelente apresentação (infelizmente colocada à “orelha” da capa e não no corpo do livro, como merecia), que nos permitimos transcrever integralmente, pois dificilmente se poderia dizer melhor do livro do viajante alemão:

“A proposição inicial de Freyreiss ao desembarcar no Brasil era um estudo da botânica brasileira. Mas, para sua própria surpresa, encontrou tantos outros fatos importantes na vida do Brasil, que não pôde deixar de relatá-los. A expedição se passa nos primeiros anos do século XIX e o cenário é um país, mais propriamente uma província, Minas Gerais, descobrindo suas outras riquezas minerais, em substituição do ouro que já fora explorado em demasia e que entrava em séria decadência.

Freyreiss sai do Rio de Janeiro rumo a Minas, e como se trata de um observador minucioso, conta-nos com precisão e consciência a vida sócio-econômica dos habitantes das poucas vilas que existiam na região. Sobre a paisagem natural de Minas Gerais, entra o autor em detalhes científicos de alto nível, decompondo toda a região com descrições admiráveis de cada lugarejo por onde passa.

Do Rio a Vila Rica a viagem era difícil pela má qualidade da estrada que ligava as duas cidades e pelas condições físicas brasileiras que antepunham dificuldades a toda empreitada a ser feita. A vida social de Minas gerava em torno das lavras de ouro e diamantes e havia uma divisão social característica: o trabalho escravo. Nessa época, o papel do escravo tornava-se a mola principal da economia e as margens dos rios e dos riachos achavam-se tomadas de mineradores. Todos corriam em busca dos metais e das pedras preciosas, e o contrabando constituía um dos maiores entraves à aplicação do dinheiro dos minerais na província onde eram encontrados.

A paisagem social de Minas nada dizia da riqueza mineral de que era dona. O número de escravos aumentava e seu tráfico ultrapassava os limites propostos. A população ainda era aumentada com os habitantes das províncias vizinhas que, ao tomarem conhecimento da existência de tantas riquezas, atravessavam as montanhas e passavam a formar o contingente de população que era elevado demais para o parco desenvolvimento agropecuário da região. Os habitantes da província de Minas pagavam então um elevado preço por produtos vindos da Metrópole

ou da capital do país e assim pouco se aplicava na província da riqueza extraída. A província era, então, paradoxalmente, rica e pobre, fato que chamou a atenção do autor.

O viajante encontrou em Minas um outro Brasil, diferente da província do Rio de Janeiro. De lá ele trouxera uma idéia da sociedade brasileira, e o que encontrou nas vilas mineiras diferia do que encontrara na capital da colônia, apesar de a influência européia já estar bastante acentuada nos costumes do povo mineiro. Em Minas encontrava-se resguardado um pouco do Brasil nativo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Edição original: *Reise in Brasilien*. Estocolmo, 1968. Publicação do Instituto de Estudios Ibero-americanos, 1968. 103 p

Ed. bras.: *Viagem a várias tribos de selvagens na Capitania de Minas Gerais; permanência entre elas, descrição de seus usos e costumes*. Trad. de Alberto Loefgren. “Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo, v. 6: 236-252. São Paulo, 1902.

***Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814 e 1815*.** Trad. de Alberto Loefgren. Rev. Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo, v. XI: 158-228. São Paulo, 1907.

***Viagem ao interior do Brasil*.** Trad. Alberto Loefgren; apres. de Neide Magalhães Fonseca. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, Edit. da Univ. São Paulo, 1982. 138 p. (Coleção “Reconquista do Brasil”, vol. 57, nova série).